



Consumo de PANC's por estudantes da área de Ciências Agrárias, em Lagoa Seca - PB

Consumption of PANC's by students of the Agricultural Sciences area, in Lagoa Seca - PB

JERÔNIMO, Rayane Ellen de Oliveira¹; SILVA, Juciely Gomes²; BRASILEIRO, Ariel Roxany da Silva³; RODRIGUES, Andressa dos Santos⁴; AZEVEDO, Camila Firmino de⁵

¹ Universidade Estadual da Paraíba, rayanneoliveira67@live.com; ² Universidade Estadual da Paraíba, jucielygomes07@hotmail.com; ³ Universidade Estadual da Paraíba, arielsb@gmail; ⁴ Universidade Estadual da Paraíba, dessarodri440@gmail.com; ⁵ Universidade Estadual da Paraíba, camfiraze@bol.com.br.

Eixo temático: Educação Formal em agroecologia

Resumo: As plantas alimentícias não convencionais (PANC's) são silvestres, geralmente espontâneas e de fácil crescimento, podendo ser introduzidas na alimentação humana como uma alternativa aos alimentos convencionais. A fim de se avaliar o conhecimento dos estudantes da área de Ciências Agrárias sobre o consumo das PANC's, foi realizada uma pesquisa sobre o tema em um Campus universitário localizado na zona rural da cidade de Lagoa Seca – PB. Foram entrevistados estudantes dos cursos de Bacharelado em Agroecologia e Técnicos em Agropecuária e Agroindústria, utilizando-se um questionário que foi disponibilizado online através da plataforma Google-forms. Os dados obtidos demonstraram que 71,6% dos estudantes já ouviram falar e 27% consumiam PANC's. Dentre as espécies mais conhecidas estão a taioba (10,81%), o bredo (12,16%) e a beldroega (6,75%). O estudo das PANC's representa o resgate e a valorização desses alimentos, podendo assim contribuir para melhoria da qualidade de vida da população.

Palavras-chave: Alimentação; Plantas alimentícias não convencionais; Agricultura familiar.

Keywords: Food; Unconventional food plants; Family farming

Introdução

No Brasil há pelo menos 3 mil espécies de plantas alimentícias com ocorrência conhecida e estima-se que pelo menos 10% da flora nativa (4 a 5 mil espécies de plantas) sejam alimentícias (KELEN et al., 2015). Existem várias espécies consideradas como plantas alimentícias não convencionais (PANC's), que em alguns casos são consideradas invasoras (POLLAN, 2008); são plantas silvestres, espontâneas, de fácil crescimento, podendo ser cultivadas ou exóticas, que na maioria das vezes não necessitam de cuidados especiais, além de possuírem importância ecológica (KINUPP e BARROS 2007).

De acordo com Reis (2017), as PANC's podem ser consumidas como raízes tuberosas, tubérculos, bulbos, rizomas, cormos, talos, folhas, brotos, flores, frutos, sementes, látex, resina e goma, ou indiretamente quando são usadas para obtenção de óleos e gorduras. Esse tipo de planta é tido como uma nova possibilidade de alimento, sendo



uma alternativa ao consumo de alimentos convencionais e possuem diversas partes que podem ser introduzidas na alimentação humana (KINUPP e LORENZI, 2014).

As PANCs possuem um potencial ainda desconhecido, que exige a realização de mais pesquisas, e o seu consumo pode se tornar ferramenta importante no estabelecimento de sistemas de produção em bases sustentáveis, uma vez que esses recursos ainda são consumidos por parte da população rural e estão adaptadas às condições edafoclimáticas de muitas regiões (BRASIL, 2010). O conhecimento agroecológico tem muito a contribuir, uma vez que a Agroecologia propõe um uso mais sustentável e socialmente justo dos recursos ambientais, por meio de uma abordagem interdisciplinar (SEBASTIANI e FONTANETTI, 2018).

Diante do exposto, objetivou-se realizar uma pesquisa a fim de se avaliar o conhecimento de estudantes da área de Ciências Agrárias, em Lagoa Seca – PB, sobre o consumo das PANC's.

Metodologia

A pesquisa foi realizada com estudantes do Centro de Ciências Agrárias e Ambientais da Universidade Estadual da Paraíba (Campus II), localizado na zona rural do município de Lagoa Seca – PB.

Foram entrevistados alunos dos cursos de Bacharelado em Agroecologia e Técnicos em Agropecuária e Agroindústria para a realização de um levantamento sobre o conhecimento em relação às PANC's, através de um questionário semiestruturado, que foi disponibilizado online pela plataforma gratuita Google forms por um período de 25 dias. O mesmo era composto por perguntas relacionadas ao perfil dos entrevistados e o conhecimento sobre as formas e a finalidade de uso das PANC's. Todos os dados recolhidos após a pesquisa foram computados e tabulados em planilha Excel para posteriormente serem analisados e descritos.

Resultados e Discussão

Foram entrevistados um total de 74 estudantes do Centro de Ciências Agrárias e Ambientais da Universidade Estadual da Paraíba, sendo 40,5% do sexo masculino e 59,5% do sexo feminino. No que tange à faixa etária, 41,89% tinham entre 18 a 23 anos, 24,32% entre 24 a 29 anos, 13,5% entre 30 a 35 anos, 12,16% entre 36 a 41 anos e 8,10% tinham 42 anos ou mais. Em relação ao curso, 75,67% dos entrevistados cursavam o Bacharelado em Agroecologia, 17,56% faziam o curso Técnico em Agropecuária e 6,75% cursavam o Técnico em Agroindústria.

Ao serem questionados sobre as finalidades das plantas no seu dia a dia, a grande maioria (86,5%) dos estudantes afirmou para alimentação, 64,9% usam as plantas como temperos, 64,9% utilizam para fins medicinais, 5,4% para rituais religiosos, 4,1% para artesanato, 10,8% utilizam como cosméticos, 48,6% como plantas ornamentais



e 13,5% disseram que as plantas possuíam outras funções. O uso popular de plantas para qualquer finalidade é algo que ocorre devido ao acúmulo de informações repassadas oralmente de pais para filhos (VIEIRA et al., 2011).

Em seguida foi questionado sobre o conhecimento dos estudantes em relação às PANC's e 71,6% afirmaram já ter ouvido falar e 28,4% disseram nunca ter ouvido falar. De acordo com Cruz et al. (2013), as PANC's são vistas como parte de uma tradição antiga que está cada vez mais negligenciada, principalmente na população mais próxima ao meio urbano, assim dificultando a disseminação do conhecimento.

No que diz respeito ao consumo das PANC's, 27% afirmaram consumir, 43,2% não consumiam e 29,7% não sabiam ao certo, constatando-se que mesmo tendo conhecimento sobre essas plantas, a maioria dos entrevistados não as consumia. Os saberes ligados ao conhecimento e identificação dessas espécies no agroecossistema, do seu potencial nutritivo e da história cultural atrelada à sua forma de uso e consumo, devem ser repassados e discutidos, principalmente entre os estudantes e profissionais das Ciências Agrárias e da Educação, para que esses possam ser agentes de perpetuação desses saberes (SEBASTIANI e FONTANETTI, 2018).

Ao serem questionados sobre a forma de aquisição, 48,6% responderam que adquiriam em feiras, 34,3% em horta caseira, 20% com os vizinhos, 28,6% no quintal de casa, 37,1% na mata, 14,3% em supermercados e 25,7% de outras formas. Também foi questionado sobre onde os entrevistados aprenderam sobre as PANC's, 29,8% afirmaram ter aprendido com os pais e avôs, 66,7% disseram ter aprendido na universidade, 21,1% em livros, 40,4% pela internet, 22,8% por outros meios de comunicação e 15,8% de outras formas. Em um estudo realizado por Leal (2015) com moradores antigos do Ribeirão da Ilha, distrito de Florianópolis, Santa Catarina, observou-se que a aquisição das PANCs é realizada por coleta (70%) e extraídas em sua grande parte da mata (54%). Nesse mesmo estudo os moradores afirmaram ter diminuído o uso das PANC's pela dificuldade para encontrar o recurso, seguido pela perda de interesse ou não achar a planta tão atrativa para o consumo.

Brack (2016) afirma que a padronização da alimentação tem negligenciado o conhecimento das comunidades sobre as espécies alimentícias, por isso a construção de conhecimentos agroecológicos possibilita que os sistemas agroalimentares se desenvolvam assegurando o fortalecimento dos vínculos orgânicos entre a diversidade biológica e a diversidade cultural.

Existe uma grande quantidade de PANC's com potencial para diversificar a dieta da população, complementando a ingestão de calorias, de micro e macronutrientes (GIRALDI, 2012). Entretanto, muitas dessas plantas, embora disponíveis a baixo custo, ainda são desconhecidas e subutilizadas por uma parcela significativa da população (KINUPP e BARROS, 2007). Dessa forma, a etnobotânica busca trazer dentro do âmbito dos estudos em plantas alimentícias, o potencial de ampliar o conhecimento



sobre diversidade de espécies usadas para esse fim por comunidades locais ou tradicionais (ALBUQUERQUE e ALVES, 2014).

Em relação às PANC's mais conhecidas pelos entrevistados, estão capuchinha (4,05%), bredo (12,16%), beldroega (6,75%), taioba (10,81%), araquá (5,40%) e moringa (5,10%). Já as citadas como as mais consumidas foram a taioba e o bredo (Quadro 1). As PANC's podem ser classificadas como não convencionais de acordo com Machado e Boscolo (2018), pois não estão disponíveis na maioria dos mercados e não são usualmente consumidas, em geral por serem preparadas de maneira diferente do padrão.

Planta	Nome científico	Indicação popular	Indicação na literatura	Nº de citações
Taioba	<i>Xanthosoma sagittifolium</i> S.	Molhos	Os rizomas tuberosos, as folhas e talo devem ser cozidos, pois crus apresentam o efeito tóxico do ácido oxálico (KELEN et al., 2015).	9
Bredo	<i>Amaranthus viridis</i> L.	Em saladas e cozidos	Folhas e flores podem ser consumidas cozidas em refogados (KELEN et al., 2015).	8
Moringa	<i>Moringa Oleifera</i> L.	Saladas	Com as flores são preparadas saladas e as vagens e grãos podem ser cozidos (TEIXEIRA, 2012).	4
Ora-pro-nóbis	<i>Pereskia aculeata</i> M.	Salada	As folhas podem ser usadas em saladas e refogadas. Os frutos podem ser usados para sucos e geleias (KELEN et al., 2015).	4
Araquá	<i>Psidium cattleianum</i> S.	Geleia	As sementes são utilizadas para fabricação de doces e geleias (FRAZON et al., 2009).	3
Beldroega	<i>Portulaca oleracea</i> L.	Molhos	Com as folhas são preparadas saladas ou podem ser cozidas. As sementes podem ser utilizadas em pães substituindo o gergelim (KELEN et al., 2015).	3
Major gomes	<i>Talinum patens</i> L.	Tempero e salada	As folhas são consumidas em saladas, mas	3



preferencialmente cozidas (KELEN et al., 2015).				
Capuchinha	<i>Tropaeolum majus</i> L.	Salada	Toda a planta (KELEN et al., 2015).	2

Quadro 1. PANC's consumidas pelos estudantes; nome científico, indicação popular e indicação encontrada na literatura.

Conclusões

Dos estudantes da área de ciências agrárias que conheciam as PANC's, a maioria aprendeu na universidade, o que demonstra a importância de se trabalhar este tema nos cursos da área, para que estes sejam disseminadores desses saberes. O estudo das PANC's representa o resgate e a valorização desses alimentos, podendo assim contribuir para melhoria da qualidade de vida da população.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, U.P.; ALVES, A.G.C. O que é etnobiologia? In: **Introdução à Etnobiologia**. NUPPEA. 1ª ed. Recife, PE: 2014.

BRACK, P. Plantas alimentícias não convencionais. **Revista Agriculturas: experiências em agroecologia**. v.13, n.2, p. 04-06. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2016.

BRASIL. Manual de hortaliças não convencionais / Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Brasília: **MAPA**, p. 92, 2010.

CRUZ, M. P.; PERONI, N.; ALBUQUERQUE, U. P. Knowledge, use and management of native wild edible plants from a seasonal dry forest (NE, Brazil). **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v.9, n.79, p. 1-10, 2013.

FRANZON, R. C. et al. Araças do gênero *Psidium*: principais espécies, ocorrências, descrição e uso. Planaltina, Distrito Federal, **Embrapa**. 48p, 2009.

GIRALDI, M. C. **Recursos alimentares vegetais em duas comunidades caiçaras no sudeste do Brasil**: discutindo modos de vida e segurança alimentar. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Botânica da Universidade Federal Rural de Pernambuco. 2012.

KINUPP, V.F.; BARROS, I.B.I.D. Riqueza de Plantas Alimentícias Não-Convencionais na Região Metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Biociências**, v.5, n.1, p.63-65, 2007.

KINUPP, V.F.; LORENZI, H. **Plantas Alimentícias Não-Convencionais (PANC) no Brasil**: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas. Nova Odessa: Ed. Plantarum, 768p. 2014.



KELLEN, M. E. B. et al. **Plantas alimentícias não convencionais (pancs) hortaliças espontâneas e nativas**. Universidade federal do rio grande do sul. Porto alegre, 2015. v.1, p.45, 2015.

LEAL, M. L . **Conhecimento e uso de plantas alimentícias não convencionais (PANC) no ribeirão da ilha – Florianópolis/SC**. Monografia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC. 90 p, 2015.

MACHADO, C. C; BOSCOLO, O. H. Plantas alimentícias não convencionais em quintais da comunidade da Fazendinha, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. **Revista Brasileira de Biociência.**, Porto Alegre, v. 16, n.1, p. 28-36, 2018.

POLLAN, M. O dilema do onívoro: uma história natural de quatro refeições. Rio de janeiro: **Intrínseca**, 2008.

REIS, E. L. **Plantas alimentícias não convencionais (panc's) na escola rural municipal de São Francisco de Paula-RS**. 2017, 49f. Faculdade Federal do Rio Grande Sul, Porto Alegre, 2017.

SEBASTIANI, R; FONTANETTI, A. Difusão do conhecimento agroecológico através da disciplina de Botânica Cultural e Medicinal para alunos de Ciências Agrárias e Licenciatura. **Cadernos de Agroecologia** – Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF – Vol. 13, N 1, 2018.

TEIXEIRA, E. M. B. **Caracterização química e nutricional da folha de moringa (*Moringa oleifera* Lam.)**. 2012, 94f. UNESP, São Paulo, 2012.

VIEIRA, M.L.S. et al. Uso popular de plantas medicinais no município de Rio Tinto, PB. In: CONGRESSO DE ECOLOGIA DO BRASIL, São Lourenço, MG. **Anais...** São Lourenço: Sociedade de Ecologia do Brasil, p. 1-2, 2011.